

Economia
Brasil

A ciência econômica erra, mas funciona

COM BASE NA OBSERVAÇÃO, ECONOMISTAS DESENVOLVEM TEORIAS ÀS VEZES EFICAZES COMO A QUE ARQUITETOU A URV

CARLOS ALBERTO SARDENBERG

A economia está entre as ciências que mais evoluíram neste fim de século. O recurso à formalização Matemática explica essa evolução e distingue a Economia como a mais exata entre as ciências humanas. Mas, a despeito da contrariedade de muitos economistas, permanece no gênero das humanas. A vantagem aí é que as teorias podem ter mais brilho literário, digamos, já que se trata de descrever o comportamento de homens e mulheres produzindo, comprando e vendendo coisas.

Muitos leitores vão estranhar. Então o economês é literatura? Mas basta pensar em textos de nosso Mário Henrique Simonsen – tão elegantes quanto precisos – para verificar que o economês é combinação de ciência ruim com linguagem pior.

Simonsen demonstrou, em livros, artigos e aulas, que se pode fazer ciência econômica com Matemática e texto certo e bonito. O economista mais badalado dos últimos tempos, o americano Paul Krugman, também é assim em seus artigos para público mais amplo: preciso, elegante e de uma simplicidade irritante. O leitor termina o texto com uma sensação de burrice: que coisa mais clara, como ninguém pensou nisso antes?

Simonsen e Krugman, não por acaso, também andaram especulando sobre as desvantagens das ciências humanas em relação às exatas. A principal é a dificuldade de fazer previsões. Há economistas que fazem previsões e muitos são até bastante precisos em sua bola de cristal. Mas a história moderna da ciência econômica já acu-

mulou experiência suficiente para o balanço. É um vexame: a margem de acerto das previsões é bem inferior aos 50%, mesmo quando se restringe a pesquisa a nomes mais celebrados.

Na verdade, não existe apenas uma dificuldade de previsão na Economia. É rigorosamente impossível para essa ciência prever acontecimentos, no sentido em que o fazem as ciências exatas. E a explicação para isso é que na Economia, como em todas as ciências humanas, não se pode fazer experiência. Muitos brasileiros vão protestar. Afinal, o que foram os diversos planos dos últimos anos senão experimentos de economistas que chegaram ao poder?

Economia melhora a vida de pessoas ao permitir administração mais eficiente da sociedade

Na verdade, muita gente acha que os economistas passam a vida fazendo experimentos com humanos, mas isso é apenas uma reação, frequentemente justificada, a certas políticas econômicas baseadas em teorias fracas.

Não são experiências, são tentativas. Mesmo quando a teoria é nova e boa, a política econômica daí resultante em nada se assemelha aos experimentos do tipo que se faz em Física, Química ou Biologia com não humanos. Experiência em laboratório, na qual os eventos são controlados e, sobretudo, repetidos tantas vezes quanto for necessário para acurada observação. Pode-se prever algo que se repetiu tantas vezes nas mesmas condições.

Em Economia, pode-se observar uma hiperinflação, retirar ciência daí, mas não é possível repetir o evento para, digamos, testar variáveis. A hiperinflação seguinte é outro evento, e assim segue a ciência, estudando e pesquisando sempre eventos novos e

diferentes. Acumula-se aí um poderoso e útil conhecimento. Não há dúvida que as políticas econômicas hoje são mais competentes ou que os bancos centrais são mais eficazes em manter a economia real funcionando em boas condições.

Economistas brasileiros, com base na observação local, desenvolveram teorias sobre a inflação que se mostraram muito consistentes. O Plano Real, com a engenhosa arquitetura da URV (lembra-se?) para passar da moeda podre à boa, é a prova da eficácia dessa teoria.

Saindo da macro para a microeconomia, a ciência tem criado modelos teóricos que, por exemplo, demonstram como funcionam mercados financeiros complexos. Isso não apenas permite que a poupança das pessoas seja bem aplicada – o que garante o bom funcionamento dos planos de pensão, por exemplo – como facilita a regulamentação e o controle daqueles mercados.

Pode-se, portanto, elogiar a ciência econômica. Tem melhorado a vida das pessoas, ao permitir uma administração mais eficiente da sociedade. Tomando-se longos períodos, as políticas econômicas, fundadas em teorias, funcionam na maior parte do tempo. E é isso que dá aos economistas aquele sentimento de soberba.

Até que uma nova crise, pelo lado mais inesperado, derruba teorias, empobrece países, faz muita gente perder dinheiro e recoloca os economistas na sua posição de humanos. Um choque de realidade.

Nesses momentos, como na crise da Ásia, surgem duas atitudes. Uma mantém a confiança na ciência e recomenda tudo de novo; outra pretende desqualificar a economia. Krugman tem sido citado como o economista que previu a crise. Ele mesmo diz que não foi bem assim. Explica que seu

premonitório artigo sobre os tigres asiáticos mostrou que aquele modelo de crescimento não parava em pé. Daí a prever o crash vai uma boa diferença.

Mas, depois do crash, a teoria de Krugman mostrou-se a melhor para entender o que havia acontecido e permitiu ao próprio autor novos desenvolvimentos ainda mais esclarecedores. Isso tem ajudado formuladores de políticas econômicas pelo mundo afora. Ou seja, a teoria funcionou, antes e depois, com as limitações da ciência humana.

É uma bobagem, portanto, querer desqualificar a economia por aquilo que ela não pode fazer, que é fornecer previsões exatas. Essa atitude, na verdade, esconde o desejo de fugir das limitações demonstradas pela teoria econômica.

Usa-se o pretexto – erraram! – para jogar fora algumas verdades desagradáveis provadas. No Brasil de hoje, a verdade mais contestada é a de que há limites estritos ao gasto público. Substitui-se isso por vontade política e está tudo resolvido. O governo não dobra o salário mínimo porque lhe falta vontade política; idem para a reforma agrária, universidade de graça para todos, aposentadoria integral para servidores, atendimento médico gratuito universal e por aí vai.

Diante dos argumentos – não há dinheiro; as contas do governo não fecham; aumento do gasto público traz inflação; aumento de salário sem ganho de produtividade traz inflação – a resposta comum é a de desqualificá-los com uma sentença: isso é coisa de economista.

Cuidado quando ouvir isso. É gente que não quer pensar. E não pensar é até pior do que pensar errado.

■ Carlos Alberto Sardenberg é jornalista
e-mail: sarden@itanet.com.br